



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**  
**CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

**NATÁLIA DOS SANTOS SEKI**

**O CELIBATO COMO REPRESENTAÇÃO DA DOMINAÇÃO RELIGIOSA EM  
EURICO, O PRESBÍTERO, DE ALEXANDRE HERCULANO**

**ABAETETUBA-PA**

**2017**

**NATÁLIA DOS SANTOS SEKI**

**O CELIBATO COMO REPRESENTAÇÃO DA DOMINAÇÃO RELIGIOSA EM  
EURICO, O PRESBÍTERO, DE ALEXANDRE HERCULANO**

Monografia apresentada ao curso de letras da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, em cumprimento a exigência para a obtenção do título de graduada em letras língua portuguesa.

Orientador Me. José Rinaldo Lobato.

Área de concentração: Literatura

ABAETETUBA-PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

Seki, Natália dos Santos.

O celibato como representação da dominação religiosa em  
Eurico, o presbítero, de Alexandre Herculano / Natália dos Santos  
Seki. — 2017.

33 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Lobato  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Literatura portuguesa . 2. Romantismo . 3. Dominação  
religiosa . 4. Celibato. I. Título.

CDD 869

---

**NATÁLIA DOS SANTOS SEKI**

**O CELIBATO COMO REPRESENTAÇÃO DA DOMINAÇÃO RELIGIOSA EM  
EURICO, O PRESBÍTERO, DE ALEXANDRE HERCULANO**

Monografia apresentada ao curso de letras da  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário  
de Abaetetuba, em cumprimento a exigência para a  
obtenção do título de graduada em letras língua  
portuguesa.

Orientador

Prof. Me. José Rinaldo Lobato -UFPA Abaetetuba

Banca examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Adelina Rodrigues de Farias

Banca examinadora

Prof. Garibaldi Nicola Parente-UFPA Abaetetuba

**Abaetetuba, 6 de abril de 2017**

*A minha mãe Rute dos Santos Seki*

## **AGRADECIMENTOS**

Meus sinceros agradecimentos a Deus, que deu-me força e animo para superar as dificuldades, porque sem Ele eu nada poderia fazer.

Agradeço aos meus pais, Paulo de Tarso Seki e Rute Seki e meus irmãos Elias Seki e Jade Seki, pela compreensão e apoio: sentimental, familiar e financeiro incondicional que deram me durante este curso, ou seja, por sempre estarem comigo.

A todos os meus familiares que contribuíram de forma direta ou indireta com a minha formação, em especial a minha cunhada Fabiane Lima e minha sobrinha Thalya Seki.

Ao meu namorado, Renato Lima por estar sempre ao meu lado me incentivando e apoiando, tanto nos momentos alegres como tristes e por acreditar em minha capacidade de vencer as dificuldades.

A esta universidade e todo o seu corpo docente do campus Abaetetuba, por me conduzirem na busca por conhecimento.

A turma de Letras língua portuguesa 2013, em especial ao meu grupo de estudo: Cláudia Pires, Diana Mottes e Maria Orlandina Paixão pela amizade e por me incentivarem em mais esta etapa de minha Vida. Aos colegas Marcelle Malcher e Jucicleiton Melo pela imprescindível ajuda na formatação deste trabalho de conclusão de curso.

Ao orientador, Rinaldo Lobato por sua atenção e incentivo na construção deste trabalho.

Enfim, mais uma vez agradeço a Deus que durante este curso colocou em minha vida pessoas maravilhosas que me ajudaram a garantir mais esta vitória.

**“Tudo posso nAquele que me fortalece”.**

**Filipenses 4-13**

## RESUMO

A monografia intitulada “O celibato como representação da dominação religiosa no romance *Eurico, o presbítero*” (1844), tem como objetivo analisar esta obra de Alexandre Herculano, para destacar que o celibato representa aquilo que chamaremos neste trabalho dominação religiosa, como definido por Max Weber (1920), pois sua imposição social é propagada como divina, tendo como finalidade a construção de uma identidade para o clero. Esta questão será tratada por meio da análise do personagem Eurico, juntamente com fragmentos da obra que ilustrem este domínio religioso figurado através do instituto do celibato, com a finalidade de identificar como é constituída esta dominação no desenvolvimento do personagem, e as consequências sociais do produto dessa dominação que é o celibato em sua vida; as convenções religiosas que determinaram o seu triste desfecho; o aporte histórico-estético será feito partir de Massaud Moisés (2013) e Max Weber (1920) entre outros.

**Palavra-chave:** Literatura portuguesa, Romantismo, Dominação religiosa, celibato.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1º CAPÍTULO - A HISTÓRIA DO ROMANTISMO</b> .....	11
1.1 O CULTO DO EU .....	13
1.2 O ROMANTISMO EM PRORTUGAL .....	14
1.3 A RELIGIOSIDADE NO ROMANTISMO .....	15
<b>2º CAPÍTULO - O ROMANCE EURICO, O PRESBÍTERO</b> .....	18
2.1 BIBLIOGRAFIA DO AUTOR ALEXANDRE HERCULANO.....	19
2.2 RESUMO DO ROMANCE .....	20
2.3 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE O CELIBATO CLERICAL .....	20
<b>3º CAPÍTULO - O PERSONAGEM EURICO</b> .....	23
3.1 AS CONSEQUÊNCIAS DO CELIBATO NA VIDA DE EURICO .....	24
3.2 O CELIBATO DETERMINA O FIM DE EURICO .....	26
3.3 A DOMINAÇÃO RELIGIOSA .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32-33

## INTRODUÇÃO

A religiosidade é algo muito presente na vida do ser humano por diversos motivos, entre estes a busca por Deus, considerado um ser supremo e detentor de todas as sabedorias. Com base nisso a religião também estabelece o conceito de certo e errado, ou seja, um padrão de vida social para seus adeptos que conseqüentemente refletirá em sua vida espiritual.

Devido a base religiosa se dizer em Deus, muitos homens no decorrer da história usam esta afirmação para estabelecer domínio sobre determinado povo e época nos aspectos sociais, culturais e econômico. Isto pode ser observado também através das obras literárias, pois, nenhum autor ao escrever está ausente do seu tempo, ou seja, o mesmo é influenciado pelo meio que vive. Por isso este trabalho busca analisar a dominação religiosa, representado pela instituição do celibato no romance *Eurico, o presbítero* do autor Alexandre Herculano publicada em 1844, no entanto, os fragmentos analisados neste trabalho são correspondentes a 11ª edição do ano de 1999.

O romance trata da história do soldado Eurico, que depois de uma desilusão amorosa entrega-se ao sacerdócio, e também a respeito do fim do reino visigodo, formado na região que atualmente compreende Espanha e Portugal, diante da invasão dos muçulmanos, que avançaram pela maior parte da Península Ibérica no século VIII.

Devido a este gênero híbrido da obra, a mesma permite inúmeras linhas de pesquisas como questões que abordam história, memória, gênero e discurso. Manso (2013, p. 33), por exemplo analisa os discursos linguísticos utilizados na obra, através da identificação de palavras e expressões de origem árabe, destaca os variados gêneros que se manifestam e o discurso literário e histórico para compreender a constituição dos sujeitos que se revelam na obra *Eurico, o presbítero*.

Duarte e Camargo (2004, p.95), abordam a obra *Eurico, o presbítero* a partir da temática histórica para explicitar a reconstrução da história de ficção, através de diferentes estratégias discursivas de Alexandre Herculano. Outro aspecto analisado a partir da obra é a interação entre godos e mouros e as conseqüentes conflitos religiosos, que são observados na trama como no artigo de Carvalho Alves (2011, p. 46), que trata da oposição entre os bárbaros godos e mouros ao abranger o contexto histórico e religioso.

Há também, sobre esta obra, levantamentos de questões sobre o gênero híbrido de *Eurico, o presbítero*, já que o próprio Herculano, no prólogo da obra hesita em classifica-la

qualificando a ora como romance em prosa e ora como “romance histórico, sobre os limites muitas vezes tênues entre a literatura e a História, oscilação de Eurico entre o monge e o guerreiro como ocorre no artigo de Alves (2012, p.264) intitulado Eurico, o presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a História.

*Eurico, o presbítero*, além de ser a obra mais conhecida de Alexandre Herculano, é também um dos mais importantes marcos da literatura portuguesa, como foi observado nas possibilidades de pesquisas citadas acima. Tal narrativa abarca inúmeras temáticas de âmbito histórico, cultural, religioso e literária, estético, discursivo entre outros aspectos que analisam Eurico, o cavaleiro, herói medieval apaixonado pela pátria portuguesa, poeta movido pelo amor e a pátria, presbítero dedicado ao cristianismo.

Todos esses aspectos constituem a vida do personagem Eurico e influenciam em suas decisões, mas não abrangem Eurico como homem, sujeito às paixões humanas e como a religião através do celibato exerceu sua dominação sobre suas decisões que culminarão na renúncia de sua vida secular - a vida fora do âmbito religioso -, e o seu suicídio.

Por isso, a pesquisa é importante, pois visa contribuir com as pesquisas já realizadas nesta obra de Alexandre Herculano ao observar o celibato como representação da dominação religiosa em *Eurico, o presbítero*, para destacar quais as necessidades da instituição deste ministério dentro do sistema religioso e suas consequências sociais na vida do personagem Eurico.

No entanto, para alcançar este objetivo será abordado primeiramente a escola literária em que se enquadra esta obra, neste caso, o Romantismo. Segundo, Moisés (2013, p.168) mais que qualquer outro movimento estético, é impossível dizer-lo em poucas palavras, porque o seu contorno, sendo extremamente irregular e movediço, abarca não raro tendências opostas ou contrastantes, porque corresponde a muito mais que uma revolução literária : sendo mais uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida e do pensamento implica uma profunda metamorfose, uma verdadeira revolução histórico-cultural, que abrange a filosofia, as artes, as ciências, as religiões, a moral, a política, os costumes, as relações sociais e familiares, etc. desse modo, é inútil qualquer tentativa de sistematização das características do Romantismo que não pressuponha as antinomias latentes e as outras características que ainda seria necessário juntar.

Será abordada a bibliografia do autor Alexandre Herculano, escritor de grande importância histórica, pois debruça-se sobre documentos historicamente fidedigno da história de Portugal com espírito crítico ao misturar ficção e realidade, ou seja, há um constante

oscilação entre literatura e história como em *Eurico, o presbítero* que narra em meio a história de amor a origem da pátria portuguesa.

Para trata da questão proposta neste trabalho será realizada a análise do personagem Eurico, juntamente com fragmentos da obra que ilustrem a dominação religiosa através do celibato, com a finalidade de identificar como é constituído este domínio no personagem e as necessidades e as consequências sociais do celibato em sua vida e para compreender o porquê das conversões religiosas determinarem o seu destino.

“Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem”. (DURKHEIM,2003, p. 32).

Relacionando o conceito de religião de Durkheim com a questão do celibato clerical, pode se disser que aquele que faz este juramento se constitui alguém proibido e separado para servir as coisa de Deus como é o caso do personagem Eurico.

Portanto, este trabalho vem mostrar que a oscilação da literatura entre a ficção e a realidade é capaz de descrever os comportamentos da sociedade, neste caso a religião que impõe a Eurico um voto de castidade para que o mesmo usufrua da vida como sacerdote e possa ter “comunhão” com Deus. Não é a intenção discursar sobre a existência de Deus, mas mostrar que esta justificativa não está pautada apenas em questões espirituais, mas sim, em comodidade ou benefícios materiais de algumas classes, como o clero, que para ter poder sobre determinados indivíduos, impõe suas opiniões em nome de Deus, instaurando assim a dominação religiosa.

## 1º CAPÍTULO - A HISTÓRIA DO ROMANTISMO

O Romantismo corresponde ao início do século XIX, que foi marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo culto do Eu, permitindo assim, uma nova forma de pensar a vida e a arte, através de uma visão contrária a propagada no século XVIII, a qual estava marcada pela objetividade clássica, pelo Iluminismo e pela razão.

Os ideais românticos estavam ligados a uma busca por total liberdade de criação, defendem a mistura dos gêneros literários, ou seja, as ideias expressões do eu lírico livres das regra fixa, antes impostas e adorada pelos clássicos, onde as artes como; poesia, a música, o teatro, a pintura eram utilizadas pela igreja católica com a finalidade de catequisar o povo e qualquer outra finalidade dada a esta eram consideradas profanas.

Segundo, Guinsburg (1993, p.15) o romantismo surgiu na Europa mais precisamente na Alemanha e na Inglaterra no final do século XVIII, e predominou em toda a Europa até a primeira metade do século XIX, foi movido por ideais revolucionários em uma época de descontentamento social e artístico, que cominou na transição do sistemas de governo absoluto para o liberalismo.

Para, Vecchi (1994, p.1) o Romantismo é resultado da crise de valores que se instaura a partir da segunda metade do século XVIII. Ao mesmo tempo que se vê seduzido pelos ideais revolucionários de 1792, expressa também a voz dos descontentes. A grande burguesia, que se associara à classe média e ao proletariado, a fim de banir a nobreza do poder, em nome de uma sociedade mais justa, tão logo alcança seus objetivos, abandona antigos aliados à mercê da própria sorte. Nesse contexto, o Romantismo assimila as contradições histórico-sociais de sua época e as transforma em soluções estéticas.

Estas mudanças sociais ocorreram em virtude da abolição das monarquias aristocratas provocada pelas Revoluções Industrial e Francesa.

A revolução Industrial que expandiu se pelo mundo, teve como berço a Inglaterra no ano de 1776, troce consigo a otimização dos meios de produção, a consolidação da burguesia industrial e o surgimento do proletariado. Tudo isso defendido pela ideologia do liberalismo que melhor expressou os interesses da burguesia.

A revolução Francesa por sua vez teve seu início em, 14 de junho de 1789, com a tomada da fortaleza medieval da Bastilha, considerada símbolo da opressão absolutista que teve como efeito imediato a abolição dos privilégios feudais e a aprovação da declaração dos direitos do homem e do cidadão e dois anos mais tarde em 1791, foi assinado a primeira

constituição estabelecendo a divisão do poder Legislativo, Executivo e Jurídico, reduzindo se assim o poder monárquico.

No entanto estas convicções políticas tornaram a burguesia a nova classe privilegiada em detrimento da maioria sem direitos políticos, causando uma grande desilusão com os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade da Revolução Francesa.

“A revolução francesa, ainda que abolisse os direitos e as instituições feudais, não aboliu a desigualdade entre os homens. A liberdade sem a igualdade foi considerada insatisfatória, pondo-se, já naquela ocasião, que a propriedade fosse limitada perante a lei e se reduzisse a dinâmica abissal entre pobres e ricos ou entre os possuidores e “os que nada tinham a perder”. (GUINSBURG,1993, p35)

Em virtude destes acontecimentos o romantismo é um movimento marcado por profundas mudanças socioculturais, desilusões sociais, e principalmente pelo entendimento reformador que se refletira através das artes plásticas, da música e da literatura. Manifestações estas em nome de uma sociedade mais justa.

“É a primeira manifestação de uma consciência de mundo moderna. Multifacetado, em razão de sua origem plural e da série de “aclimações” por que passou nos diferentes países em que se manifestou, foi impulsionado por várias correntes de pensamento, as mais das vezes, contraditórias entre si. Além disso, os rumos assumidos, tanto pela revolução social quanto pela burguesia liberal, interferiram profundamente na atitude do artista frente à realidade histórica em que se inseria”. (VECHI, 1994, p.1)

Este movimento, apresenta como principais características o individualismo, subjetivismo, idealização do amor e da mulher, o herói romântico, sentimentalismo exacerbado, egocentrismo, natureza como expressão do eu, religiosidade, escapismo, historicismo, o culto à Idade Média que proporcionou aos escritores o contato com castelos, musgosos, lendas e tradições, cavaleiros, monges, cruzados, mouros e judeus como é possível observar na obra *Eurico, o Presbítero* que tem como contexto histórico a idade média.

Outra característica do Romantismo é o byronismo, inspirado na vida e na obra do poeta inglês de Lord Byron (1788-1824), com um estilo de vida boêmio, voltado para vícios, bebida, fumo e sexo.

Estas características podem ser observadas com mais ou menos intensidade em suas três gerações, uma primeira, centrada no lirismo e no subjetivismo, com o sonho, o exagero e a busca pelo exótico de um lado, e o inóspito do outro; uma segunda, onde são notados o pessimismo e um certo gosto pela morte, religiosidade e naturalismo e uma terceira, que funcionou como fase de transição para uma nova corrente literária – o realismo, a qual denuncia os vícios e males da sociedade.

## 1.1- O CULTO DO EU

Dentre as principais características das obras do romantismo está uma visão de mundo centrada no indivíduo, no **Eu** o que permitiu aos autores românticos retratarem os dramas humanos, amores trágicos, ideais utópicos e desejos de escapismo. O “eu” torna-se o universo em que vivem, ou, ao mesmo tempo, o centro do universo: a semelhança de Narciso. (MOISÉS 2013, p.169).

Para Vechi (1994, p.7) o “eu” que se manifesta na linguagem literária do texto romântico se faz presente de maneira nova, inaugurando assim uma nova era no pensamento ocidental. O sujeito se conhece agora como diferença e, além disso, é a partir dele que se estrutura a imagem do novo homem. Decorre daí o egocentrismo que sustenta a visão do mundo da arte romântica. Proteiforme, apresentando muitas formas, o “eu” romântico assume diferentes atitudes frente à cultura que lhe é contemporânea. Ora exige o reconhecimento dos homens de seu tempo, porque se considera o Gênio responsável pela criação de utopias capazes de resgatar a humanidade de sua crise; ora o guia que indica os caminhos que devem ser seguidos por todos, pois eles dirigem a realização plena do ser humano.

Como podemos observar, no trecho da obra *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano em que o autor retrata o sofrimento e o desejo de escapismo do personagem Eurico, que após uma desilusão amorosa decide refugiar-se na religião.

“Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado. A ingratidão de Hermengarda, que parecera ceder sem resistência à vontade de seu pai, e o orgulho insultuoso do velho prócer deram em terra com aquele ânimo, que o aspecto da morte não seria capaz de abater. A melancolia que o devorava, consumindo-lhe as forças, fê-lo cair em longa e perigosa enfermidade, e, quando a energia de uma constituição vigorosa o arrancou das bordas do túmulo, semelhante ao anjo rebelde, os toques belos e puros do seu gesto formoso e varonil transpareciam-lhe a custo através do véu de muda tristeza que lhe entenebrecia a frente. O cedro pendia fulminado pelo fogo do céu. Uma destas revoluções morais que as grandes crises produzem no espírito humano se operou então no moço Eurico. Educado na crença viva daqueles tempos; naturalmente religioso porque poeta, foi procurar abrigo e consolações aos pés d'Aquele cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que neles vai buscar o derradeiro refúgio. Ao cabo das grandezas cortesãs o pobre gardingo encontrara a morte do espírito, o desengano do mundo. A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos? Era este problema, no qual se resumia todo o seu futuro, que tentava resolver o pastor do pobre presbitério da velha cidade do Calpe”. (HERCULANO, 1999, p.6)

D’Onofrio (1977, p.40) também concorda que no Romantismo o artista é visto como criador, dotado de sensibilidade especial. Assim, o conhecimento não se dá do meio para o

indivíduo, mas do indivíduo para o meio, pois é o “sujeito”, o “eu”, a “consciência “quem determina o “objeto”, o “não eu”, a “realidade”

A partir desta nova concepção ocorre a democratização da literatura, que deixa de ser só para reis, fidalgos ou para círculos fechados de eruditos e torna-se a literatura do povo. Esta literatura passa a servir tanto ao entretenimento quanto para a denúncia social e para empenhamento político, devido sua comunicação franca de ideias práticas e vitais a todo o leitor. Estabeleceram-se novas relações entre escritores e público, pois a poesia, o romance e o teatro ganharam novos padrões e significados para atingir o gosto literário do público burguês.

## 1.2 - ROMANTISMO EM PORTUGAL

De acordo com Moisés (1998, p.11) o Romantismo é introduzido em Portugal, em 1825, por Almeida Garrett, com o poema Camões, uma espécie de bibliografia sentimental do poeta, cuja a vida parecia símbolo e antecipada realização do exaltado e don-juanesco espírito romântico. O poema teve o condão de chamar as consciências para a nova literatura da natureza melancólica, então em plena moda no restante da Europa notadamente na França e na Inglaterra, regiões que mais influência exerceram na propagação do movimento Romântico. Assim o Romantismo em Portugal foi trazido pela mão de um revolto liberal de 1820.

Desta forma, o Romantismo em Portugal desenvolve-se durante vários acontecimentos históricos desta nação, como os sinais de decadência do absolutismo quando a revolução Francesa ocorreu, a tomada do país por Napoleão Bonaparte, que tinha como principal inimigo a Inglaterra, com a qual Portugal tinha dívidas. Se Portugal ficasse do lado dos franceses os britânicos poderiam levá-los à falência. Se apoiasse os ingleses, teria que enfrentar Napoleão.

Devido este grande dilema em 1808, a Família real decidiu partir para o Brasil, então colônia de Portugal, causando assim uma grave crise comercial para a burguesia. O ano de 1822 trouxe um golpe de estado, uma nova constituição para Portugal e a independência do Brasil. Apenas no ano de 1847, a nação lusitana alcança uma relativa tranquilidade interna no período chamado de regeneração.

“O Romantismo encontrou em Portugal um solo já preparado para a sementeira, graças a consciência entre a tradição e a história que perpetua a Idade Média e as novas tendências pós clássicas.

Ao longo de quarenta anos o romantismo em Portugal não foi sempre igual; como todo organismo vivo, apresenta fases ou momentos de evolução. A esses “momento” vão corresponder três ciclos de interesse comum girando em torno de um núcleo centra, sem que este núcleo o contenha qualquer ideia de hierárquica de valor, porquanto não significa que o último “momento” seja menos rico literariamente que os dois primeiros, e vice versa”. (Moisés ,1998, p.12)

Por isso, o Romantismo em Portugal é dividido em três momento; a primeira geração é representada por autores como; Almeida Garret, considerado o introdutor do Romantismo em Portugal, Alexandre Herculano escritor de grande importância histórica, pois debruça-se sobre documentos historicamente fidedigno da história de Portugal com espírito crítico ao misturar ficção e realidade como será possível observar na obra *Eurico, o Presbítero*, analisada neste trabalho. Antônio Feliciano de Castilho que devido ser cego que não pode acompanhar a evolução dos tempos que exigiam olhos atentos para a natureza e refúgio se na literatura Greco-latina.

Segundo momento é representado pela poesia de Soares Passos e dos ultra românticos; Soares Passos, João de Lemos, Bulhão Pato, Luís Augusto Palmeirim, Mendes Leal, Alexandre Braga entre outros.

Esta fase denominada também de ultrarromântica acontece entre os anos de 1845 e 1860, período de exagero das característica do romantismo. Há o abandono do formalismo e do artificialismo neoclássico para acentuar o sentimentalismo, a literatura confessional e emotiva ganha espaço e adquire atitude como o escapismo e morbidez influenciada pelos autores Lord Byron e Alfredo Musset. Dentre escritores ultrarromânticos merece destaque Camilo Castelo Branco e João de Lemos de Seixas.

Já na terceira e última fase do romantismo português alguns escritores começam a afasta se dá idealização romântica para privilegiar o cotidiano; as personagens tornaram se mais humanas e seus comportamentos tinham mais justificativas ambientais e biológicas, ou seja, com traços do realismo estilo que predominou durante a segunda metade do século XIX. Sobressaem se neste período os escritores João de Deus, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Xavier de Novais, Pinheiro Chagas e Júlio Dinis.

### 1.3 - A RELIGIOSIDADE NO ROMANTISMO

Para Costa (2011, p.54), a religião<sup>1</sup>, no caso da estética romântica, não pode ser vista como expressão natural e singular de um povo que crê efetivamente em deidades, ou em

---

<sup>1</sup>Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas.

hierofanias, isto é, uma religiosidade<sup>2</sup> proveniente de experiências pessoais, ligadas a manifestações consideradas sagradas. Esta concepção permite a construção da ideia de sagrado e profano e a propagação de valores religiosos.

Os escritores românticos da literatura ocidental estavam engajados em uma proposta estética de retorno ao passado e de exaltação do heroísmo, como sinal evidente de patriotismo-nacionalista. A religiosidade em qualquer obra romântica é apenas uma preocupação mais estética, e não uma integração harmônica entre Literatura e a manifestação do sagrado, tornando essa questão semelhante ao que fora a mitologia para os escritores renascentistas. Observa-se assim que a religiosidade cristã, expressa pelos escritores do romantismo, configurava apenas um artificialismo que tencionava regressar, ou evadir, a valores religiosos perdidos pelas gerações anteriores.

Desta forma, a religiosidade expressar pelos escritores românticos não surge de experiências pessoais, mas sim como modo de evasão praticada em seus constantes retornos às épocas medievais, como no caso do autor Alexandre Herculano no romance *Eurico, o presbítero* (1844) em que há expressões de uma religiosidade anacrônica, proveniente da fuga do tempo seu presente e do seu conseqüente retorno ao passado.

Como podemos ver no fragmento a baixo em que o autor descreve o personagem Eurico como “naturalmente religioso”, não para propagar esses valores ou a fé católica, mas para usa esses valores religiosos em prol da estética de sua obra.

Educado na crença viva daqueles tempos; naturalmente religioso porque poeta, foi procurar abrigo e consolações aos pés d'Aquele cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que neles vai buscar o derradeiro refúgio. Ao cabo das grandezas cortesãs o pobre gardingo encontrara a morte do espírito, o desengano do mundo. A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos? Era este problema, no qual se resumia todo o seu futuro, que tentava resolver o pastor do pobre presbitério da velha cidade do Calpe”. (HERCULANO,1999, p.6)

Em *Eurico, o presbítero* até mesmo o celibato, tido como um dogmas do catolicismo medieval foi visto de forma negativa pelo seu autor, pois o mesmo critica esta imposição para servir ao sacerdócio mostrando, assim que não há uma relação natural do autor com a religião.

“Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a ideia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o

---

<sup>2</sup> Característica do que é religioso. Aptidão natural ou tendência específica para os sentimentos religiosos, reunião das virtudes religiosas; preceitos éticos de caráter religioso.

sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra”.  
(HERCULANO, p.2)

Desta forma, a religiosidade manifesta pelo personagem não representa necessariamente um expressão natural do autor ou do povo daquela época, como foi desperto nos escritores da antiguidade Clássica até o Barroco, Homero, Padre Antônio Vieira, o inglês John Milton, em que suas obras eram reflexo de uma prática religiosa efetiva. Com isso pode se dizer que Existia religiosidade no romantismo, contudo servindo a propostas não necessariamente religiosas ou *hierofânicas*.

## 2º CAPITULO - O ROMANCE EURICO, O PRESBÍTERO

O romance *Eurico, o Presbítero* de Alexandre Herculano foi Publicado em 1844, pertencente à primeira geração do movimento romântico em Portugal, sua classificação quanto ao gênero narrativo não é definida pelo autor, pois o mesmo nas chamadas notas do autor declara não saber classificá-la; no entanto, deixa claro que o livro pode ser qualificado ora como “poema em prosa”, ora como “romance histórico”.

“Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro; nem isso me aflige demasiado. Sem ambicionar para ele a qualificação de poema em prosa – que não o é por certo – também vejo, como todos hão de ver, que não é um romance histórico, ao menos conforme o criou o modelo e a desesperação de todos os romancistas, o imortal Scott. [...] Desde a primeira até a última página do meu pobre livro caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacilantes, outros, que não eu, o dirão.” (HERCULANO, 1999, p.11)

Apresenta marcas de narração em primeira pessoa, nos capítulos em que Eurico, registra suas percepções e sentimentos, “Terra em que nasci, se teu dia de morrer é chegado, eu morrerei contigo”. (HERCULANO, 1999, p.37). No entanto há o predomínio do foco narrativo em terceira pessoa, o narrador é onisciente conhece pensamento do personagem e seu contexto histórico, “Mal sabia o desgraçado que nesse adeus a sua consciência mentia a si mesmo”. (HERCULANO, 1999, p.39)

O narrador organiza e direciona o texto relacionando a história com a ficção. Predomina a ação linear, pois os fatos históricos são organizado em ordem cronológica, mas também usa o flashback nos Capítulos IV, Recordações, e VI, Saudades. Toda a trama do livro se desenrola em XIX capítulos, e tem como enredo a história do soldado Eurico, que depois de uma desilusão amorosa entrega-se ao sacerdócio.

A forte relação com os referenciais históricos factuais, são evidenciados pela moldura cronológica da narrativa. Nesse sentido surge a história do fim do reino visigodo. Os visigodos foram um dos povos bárbaros-vândalos, entre outros, que, aproveitando o vácuo e a insegurança deixados como herança do império romano, ocuparão a região que atualmente compreende Espanha e Portugal. É no período seguinte, da invasão dos mulçumanos, que avançaram pela maior parte da Península Ibérica no século VIII, que está situada a narrativa de Eurico, o Presbítero.

Moisés (2013, p.195) descreve o estilo adotado pelo autor em *Eurico, o presbítero* com um equilíbrio entre as forças históricas e os impulsos estéticos através do qual consegue

atingir o ponto mais alto de suas possibilidades como ficcionista, em razão de haver deixado mais livre a imaginação e o impulso lírico.

## 2.1- BIBLIOGRAFIA DO AUTOR ALEXANDRE HERCULANO

Escritor Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo nasceu em Lisboa no ano de 1810, foi um dos mais admirados escritores portugueses. Considerado o pai da historiografia moderna em Portugal. Como historiador estava ligado a ideais liberais e por causa disso chegou a ser exilado, mas ao retornar à pátria, continuou a defender os mesmos ideais.

Com Almeida Garrett e Castilho inaugurou o romantismo em Portugal. Nos estudos iniciou com os oratorianos, mais por falta de recursos teve que interrompê-los, o que não o impediu de como autodidata, de ser um dos maiores intelectuais de sua época.

Casou-se aos 56 anos de idade quando afastou-se das atividades políticas e dez anos depois faleceu. Seus restos mortais jazem no Mosteiro dos Jerônimos.

Quanto às suas atividades literárias iniciou em 1833. Durante os seus mais de 40 anos dedicados à escrita publicou poemas, romances, obras históricas e críticas. De sua vasta obra destacam-se dois volumes de poesias: *A Voz do Profeta* (1836) e *A Harpa do Crente* (1838); as narrativas *Eurico, o Presbítero* (1844), *O Monge de Cister* (1848) e *Lendas e Narrativas* (1851); as obras históricas *História de Portugal, em quatro volumes* (1846-1853), e *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, em três volumes* (1854-1859).

A obra de Herculano, traz consigo um grande apanhado histórico da pátria portuguesa, ao relatar de maneira minuciosa alguns acontecimentos e com essa atitude o autor consciente ou inconscientemente acaba por colocar a ficção em segundo plano.

“Embora noutro nível, Herculano manifesta na prosa de ficção a mesma tendência para a contenção e intelectualização revelada na poesia ao mesmo tempo, padece do mal que compromete pela base a narrativa histórica, seja ela romance, novela ou conto: ficcionista vê-se obrigado a debruçar-se sobre o documento historicamente fidedigno sob pena de não realizar seu projeto (o enlace do imaginário como verídico). E é exatamente essa condição *sine qua non* que limita o alcance do gênero obstando que a imaginação se descobre livremente: devendo ater-se à verdade histórica documental, quando muito o ficcionista deduz dela um conteúdo novelesco e preencher com a fantasia os claros do texto, mas sempre atento às verdades dos fatos”. (Moisés, 2013, p.193)

Alexandre Herculano fez renascer em suas obras as tradições da Idade Média, um exemplo disso é a obra *Eurico, o Presbítero*, que será analisado neste trabalho a partir da temática religiosa. Neste contexto pretende-se analisar o celibato como representação da

dominação religioso no personagem Eurico, visto que o desfecho do mesmo é influenciado por questões religiosas.

## 2.2- RESUMO DO ROMANCE

A obra *Eurico, o Presbítero*, conta a triste história de amor entre Hermengarda e Eurico. A história se passa no início do século VIII na Espanha Visigótica. Eurico é um soldado que depois de um bem sucedido combate pede ao Duque de Fávila a mão de sua filha, Hermengarda, em casamento. No entanto, Fávila por saber que esse era um homem de origem humilde, recusa o pedido e devido esta desilusão o jovem entrega-se ao sacerdócio, sendo ordenado como o Presbítero de Cartéia.

A vida de Eurico então resume-se as suas funções religiosas e à composição de poemas e hinos religiosos para afastando-se assim das lembranças de Hermengarda, no, entanto, essa rotina é quebrada quando ele descobre que os árabes, invadem a Península Ibérica. Ele toma para si a responsabilidade de combater o avanço árabe transforma-se no enigmático Cavaleiro negro para luta de maneira heroica para defender sua pátria.

Em meio à guerra os árabes atacam o Mosteiro da Virgem Dolosa e raptam Hermengarda, que é salva pelo Cavaleiro Negro e uns poucos guerreiros e depois levada desmaiada às montanhas das Astúrias, onde Pelágio, seu irmão, está refugiado.

Hermengarda, agora, em segurança na gruta Covadonga depara-se com Erico e enfim, pode declarar seu amor, entanto, Eurico sabe que esse amor jamais poderá se concretizar, devido as suas convicções religiosas, neste caso o celibato. Então Eurico revela a ela que o presbítero de Cartéia e o cavaleiro negro são a mesma pessoa. Ao sabe da impossibilidade de viver sua história de amor, Hermengarda enlouquece e Eurico, convicto e ciente das suas obrigações religiosas, parte para um combate suicida contra os árabes.

## 2.3- BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O CELIBATO CLERICAL

O celibato clerical analisado a luz do sentimento por Alexandre Herculano, é uma instituição católica, baseada no discurso de pureza, que proíbe os padres de contraírem matrimônio e se entregarem a prazeres sexuais, mundanos. O celibato é um voto de castidade obrigatório para exercer o sacerdócio.

Braga (2007, p.57) ressalta que o celibato foi definido como prática obrigatória aos clérigos de forma perpétua e perfeita, a partir da definição apresentada no Concílio

Ecumênico Vaticano II (1965) ou Código de Direito Canônico que determinou não apenas a proibição das relações de concubinato, mas a anulação dos casamentos de clérigos.

“Proibimos totalmente aos presbíteros, diáconos, subdiáconos e monges de ter concubinas ou contrair casamentos. Decidimos também que os casamentos de tais pessoas sejam dissolvidos e as pessoas submetidas a penitências de acordo com o grau do sacramento recebido. O celibato convertera-se em essência da identidade eclesiástica. I Concílio de Latrão (1123).” (*Apud* ALMEIDA, 1967, p. 234)

Segundo Silva (2009, p.361) a instituição do celibato clerical foi fundamentada na associação entre pureza e castidade, que irá balizar todo o discurso de autoridade da Igreja perante os leigos e representantes de outras religiões, nas quais era permitido o matrimônio de sacerdotes.

Na carta do Papa Siríaco a Himênio de Tarragona, no ano de 385, há uma clara fundamentação da proibição.

“É um crime ainda gerar filho muito tempo depois da ordenação, mesmo da própria esposa [...] estejam todos os padres e levitas obrigados, por uma lei indissolúvel, a consagrar-se à castidade de coração e de corpo desde o dia da ordenação [...] pelo que o ato da geração é tido como impuro, sejam os transgressores afastados do estado sacerdotal e nunca mais possam celebrar os sagrados mistérios dos quais eles mesmos se privaram, ao satisfazerem apetites obscenos”. (NETO, 2001, p. 4)

Como base no exposto pode se dizer que o celibato eclesiástico no percurso histórico foi promovido e defendido pelos supremos Pastores e Mestres da Igreja ou Cúria papal composta por conjunto dos clérigos, seculares ou regulares, para que, com isso, distinguissem-se dos leigos por sua obediência à Igreja, pela rejeição das práticas mundanas e, sobretudo, por seu comportamento moral.

“Os clérigos estavam divididos em dois grandes grupos: os seculares e os regulares. Os seculares eram os que atuavam diretamente com os fiéis e tomavam ordens sagradas. Poderiam ser clérigos pertencentes às ordens maiores (subdiáconos, diáconos, presbíteros, bispos) ou às menores (ostiários, leitores, exorcistas e acólitos). Atuavam nos templos locais (ermitas, capelas etc.), nas paróquias, nas catedrais ou até mesmo nos cabidos e na cúria, ocupando diferentes cargos, como arceprestes, arcebispos, cardeais ou papas. Muitos seculares proviam do clero regular. Os regulares eram religiosos vinculados a uma determinada instituição - geralmente iniciada pela ação de um fundador - e poderiam pertencer a uma das quatro grandes ordens: monástica, mendicante, militar ou canônica. Realizavam votos de obediência, pobreza e castidade e viviam em comunidade sob a diretriz de uma regra”. (SILVA e LIMA 2002, p.7)

Braga (2007: p.58) afirma que a obrigação solene do celibato, que se iniciou pelo Concílio Ecumênico de Trento (1545), é confirmado em definitivo pelo Concílio Ecumênico

Vaticano II, é, por fim, inserida no Código de Direito Canônico, porém este Concílio não decretou nenhuma lei nova sobre o celibato, apenas confirmou o que está em vigor até os dias de hoje. A Igreja de Roma apenas reafirmou, no Concílio Vaticano II e, repetidamente, nos sucessivos Magistérios Pontifícios, a firme vontade de manter a lei, que exige o celibato para os clérigos.

“A transformação da moral clerical. Nesse sentido, restringiu-se a presença de clérigos em determinados lugares: festas, tabernas, hospedarias. Proibiu-se alguns hábitos identificados com a aristocracia laica, como caçar, possuir cães, beber. Enfim, impôs-se a continência no mais amplo dos sentidos, isto é, abarcando não só a prática sexual dos clérigos como também o comportamento exterior do homem da Igreja, visando ao controle do corpo”. (SILVA e LIMA 2002, p.22)

O celibato assim como outras restrições foi imposto, com o objetivo de construir uma identidade moral para o clero para os diferenciar dos outros grupos sociais. Desta forma o celibato pode ser considerado uma imposição social e não divina.

### 3º CAPITULO - O PERSONAGEM EURICO

Eurico é um jovem soldado que vivia na Península Ibérica no século VIII. Era pobre, pertencente a baixa nobreza (gardingo) da corte do duque de Cantábria, e por causa deste motivo não pode casar-se com sua amada Hermengarda.

“O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Cartéia. Descendente de uma antiga família bárbara, gardingo na corte de Vítiza, depois de ter sido tufado ou milenário do exército visigótico vivera os ligeiros dias da mocidade no meio do deleites da opulenta Toletum. Rico, poderoso, gentil, o amor viera, apesar disso, quebrar a cadeia brilhante da sua felicidade.” (HERCULANO, 1999, p. 16)

Esta desilusão faz com que este desista de ser um soldado para torna se um presbítero. Como presbítero, era alguém respeitado e admirado entre os sacerdotes, principalmente ao demonstrar seu caráter de poeta ao compor hinos suaves e cheios de unção, comparado a poetas renomado de sua época.

“O caráter de poeta tornou-o ainda mais respeitável. A poesia, dedicada quase exclusivamente entre os visigodos às solenidades da igreja, santificava a arte e aumentava a veneração pública para quem a exercitava. O nome do presbítero começou a soar por toda Espanha, como o de um sucessor de Dracôncio, de Merobaude e de Orêncio. (HERCULANO, 1999, p.20)

No entanto, os poemas de Eurico eram reflexo de um ser profundamente triste e solitário, porque o sacerdócio não foi capaz de fazê-lo esquecer a mulher amada e o desejo de lutar por sua pátria, ou seja, alguém sem vocação para o ministério sacerdotal.

“Era este canto doloroso e tétrico, o qual lhe transudava do coração em noites não dormidas, na montanha ou na selva, na campina ou no estreito aposento, que ele derramava em torrentes de amargura ou de fel sobre pergaminhos que nemo ostiário nem ninguém tinha visto. Estes poemas, em que palpitava a indignação e dor de um ânimo generoso, eram o Gethsemani do poeta. [...] Um amor de mulher mal correspondido a tinha aberto: o amor da pátria, despertado pelos acontecimentos que rapidamente sucediam uns aos outros na Espanha despedaçada pelos bandos civis, foi a mão que de novo abriu essa chaga”. (HERCULANO, 1999, p.22)

Devido sua paixão pela pátria o personagem transforma se no misterioso cavaleiro negro, que se impôs como alguém destemido na lutar contra os árabes.

“Um cavaleiro de estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo coberto de negro: negros o elmo, a couraça e o saio; o próprio ginete murzelo: lança não trazia. Pendia lhe da direita de sela uma grossa maça ferrada de muitas puas, espécie de clava conhecida pelo nome de borda, e da esquerda a arma predileta dos godos, a bipene dos francos, o destruidor franquisque”. (HERCULANO, 1999, p58.)

Com base nesses fragmentos, vemos que Eurico é um personagem que possui valores morais e religiosos incorruptíveis, pois se mantém fiel a pátria e a seu voto de castidade mesmo sem vocação para presbítero. Constitui-se assim uma personagem plana, pois seu caráter não sofre nenhuma transformação drástica no decorrer da narrativa.

Segundo Candido (1964, p.35) a obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos.

Eurico ao renunciar o amor de Hermengarda, mostra as características de algum que age de modo exemplar. Se observado do ponto de vista eclesiástico, pois sua atitude foi movida por seus valores religiosos.

“— Afasta-te, mulher, que o teu amor me perdeu! - murmurou enfim. — Há entre nós um abismo: tu o abriste; eu precipitei-me nele. Um crime, só um crime, pode unir-nos... — Fez uma pausa, e prosseguiu: — E por que não se cometerá ele? Talvez obtivéssemos perdão! ... Perdão? Oh meu Deus, não o terias para o sacrílego... não! Afasta-te, Hermengarda. Diante de ti tens um desgraçado, um desgraçado que fizeste!” (HERCULANO, 1999, p.135)

### 3.1 - AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO CELIBATO NA VIDA DE EURICO

“Para as almas, não sei se diga demasiadamente positivas, se demasiadamente grosseiras, o celibato do sacerdócio não passa de uma condição, de uma fórmula social aplicada a certa classe de indivíduos cuja existência ela modifica vantajosamente por um lado e desfavoravelmente por outro.” (HERCULANO, 1999, p.9)

Nestes fragmentos Herculano mostrou o celibato como uma convenção social que tem vantagem e desvantagem. Imposto para aquele que desejasse a vida eclesiástica. Segundo Silva e Lima (2002, p.11), a imposição do celibato aos clérigos regulares e aos seculares das ordens maiores estava relacionada a uma série de questões práticas, tais como a preocupação com a preservação do patrimônio eclesiástico e a necessidade desses indivíduos dedicarem-se integralmente às funções eclesiásticas. Contudo, também havia a convicção de que esses clérigos deveriam ser santificados, ou seja, estar separados dos demais por seu

comportamento irrepreensível, abstendo-se dos prazeres, em especial os ligados ao corpo, distinguindo-se dos leigos, a fim de estarem mais próximos de Deus e aptos para os ofícios pastorais, assumidos depois da ordenação.

Acreditava-se que só por meio de um corpo eclesiástico que se diferenciasse dos leigos e estivesse totalmente comprometido com os com tais padrões poderia se alcançar a unidade da Igreja e a submissão dos fiéis.

Eurico, ao se tornar presbítero, passou de um simples soldado para um admirado sacerdote; adquiri um status social melhor que o primeiro.

“Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o como o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio, e os velhos procuravam na sua frente, quase sempre carregada e triste, e nas suas breves mas eloqüentes palavras o segredo das inspirações e o ensino da sabedoria”. (HERCULANO, 1999, p.9)

Estas vantagens no entanto exigem uma vida separada para as atividade da igreja, ou seja, exige uma vida exemplar e o descumprimento implica em perdas do ofício e benefícios.

“À censura pontifícia estava relacionada a perda do ofício e dos benefícios eclesiásticos inerentes às ordens a que cada clérigo pertencia. Quanto maior o grau na hierarquia, maiores eram as aquisições econômicas. As punições que impunham o retorno ao grau anterior poderiam gerar a perda dos benefícios adquiridos. Até certo ponto, as penas clericais eram estratégias que tentavam controlar especialmente um dos cernes das ordens superiores: seus ofícios e benefícios. Se efetivamente punidos, os clérigos desobedientes poderiam perder seu *status* social e religioso, mas também seus privilégios econômicos”. (SILVA e LIMA. 2002, p.21)

O celibato não permitia que Eurico pudesse constituir uma família, porém isso não lhe importava, pois a única mulher que deseja lhe havia sido negada. Eurico não tinha vocação para ser presbítero, como já foi observado anteriormente, a religião serviu apenas como refugio em virtude da desilusão amorosa.

“A nova existência de Eurico tinha modificado, porém não destruído o seu brilhante caráter. A maior das humanas desventuras, a viuvez do espírito, abrandara, pela melancolia, as impetuosas paixões do mancebo e apagara nos seus lábios o riso do contentamento, mas não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos afetos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado aqueles, moldando-os pelo evangelho, e tornado estas mais solenes, alimentando-as com as imagens e sentimentos sublimes estampados nas páginas sacrossantas da Bíblia. O entusiasmo e o amor tinham ressurgido naquele coração” (HERCULANO. 1999, p.18)

Ao mesmo tempo que a vida religiosa trouxe a Eurico refúgio e status social o condenou também a solidão. Para Herculano (1999, p.10) ao sacerdote cumpre aceitar está por verdadeiro desterro: para ele o mundo deve passar desconsolado e triste.

“Era este canto doloroso e tétrico, o qual lhe transudava do coração em noites não dormidas, na montanha ou na selva, na campina ou no estreito aposento, que ele derramava em torrentes de amargura ou de fel sobre pergaminhos que nemo ostiário nem ninguém tinha visto”. (HERCULANO. 1999, p.21)

### 3.2- O CELIBATO DETERMINA O FIM DO PERSONAGEM

Então, recuando, o guerreiro cristão exclamou:

— Meu Deus! Meu Deus!

— Possa o sangue do mártir remir o crime do presbítero!

E, largando o franquisque levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Muguite, cego de cólera, vibrara a espada: o crânio do seu adversário rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do sarraceno. Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Críssus caía para não mais se erguer! (HERCULANO. 1999, p.140)

Eurico entregou se a morte para se liberta do tormento causado pela incompatibilidade do seu amor por Hermengarda e o celibato. Este comportamento é típico do pensamento romântico que ver a morte como libertação do tormento humanos.

O que de acordo com Moisés (2013, p.170) que o romântico após repelindo o tédio, lhe sobrevém terrível angustia, logo transformada em insuportável desespero. Para sair dele, o romântico vislumbra duas saídas, apenas diferentes no aspecto e no grau, visto serem essencialmente idênticas: fuga, a deserção pelo suicídio o caminho escolhido por não poucos, ou a fuga para a natureza, pátria, terra exótica, a História. Eurico preferiu o suicídio.

### 3.3 – A DOMINAÇÃO RELIGIOSA

Para Weber (1999, p.1991) o conceito de poder é impreciso, por quanto, há toda uma variedade de interesse que podem colocar alguém na condição de impor a sua vontade em uma dada situação. Assim o mesmo conceitua dominação como a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, pode fundar-se em diversos motivos de submissão. Um caso especial de poder que implica em uma forma de subordinação de uns sujeitos por outros sujeitos.

A diferença básica entre poder e obediência, reside no fato de que no caso do poder, a obediência não é um deve, enquanto, que no domínio a obediência se alicerce no

reconhecimento da legitimidade, por parte daqueles que obedecem as ordens dadas. Para que o domínio possa existir é preciso haver vontade de uns dominantes de influenciar a vontade de outros dominados.

A motivação para a obediência pode existir da tradição que prescreve a obediência a certas pessoas cujo o exercício do domínio se dá sempre de um determinado modo; a consagração do extraordinário, na crença dos dominados em relação ao dom concedido a certas pessoas excepcionais; como um sacerdote católico que adquire um estatuto legal de dominantes em relação aos adeptos desta religião que por sua vez passam a ser os dominados, pois acreditam que os conceitos propagados por esses possuem validade legítima.

Assim podemos dizer que a dominação corre, quando há necessidade de impor um determinado pensamento como legítimo com o objetivo de beneficiar um grupo. Este pensamento pode ser aceito por fundar-se em puro afeto ou por mero costumes, hábito de um comportamento inveterado que a maioria das pessoas não ousam contestar.

Partindo deste contexto, a religião usa de suas tradições e conceitos, para impor sua dominação sobre a sociedade exigindo assim uma obediência, pautada em ordens divinas. Como podemos observar no personagem Eurico, que morreu em virtude do celibato imposto pela religião católica. O autor Alexandre Herculano inicia sua obra *Eurico, o presbítero* com uma crítica ao celibato.

“Mas, se isto assim é, ao sacerdote não foi dado compreendê-lo; não lhe foi dado julgá-lo pelos mil fatos que no-lo têm dito a nós os que não juramos junto do altar repelir metade da nossa alma, quando a Providência no-la fizesse encontrar na vida. Ao sacerdote cumpre aceitar está por verdadeiro desterro: para ele o mundo deve passar desconsolado e triste, como se nos apresenta ao despovoarmos-lo daquelas por quem e para quem vivemos. A história das agonias íntimas geradas pela luta desta situação excepcional do clero com as tendências naturais do homem seria bem dolorosa e variada, se as fases do coração tivessem os seus anais como os têm as gerações e os povos. A obra da lógica potente da imaginação que cria o romance seria bem grosseira e fria comparada com a terrível realidade histórica de uma alma devorada pela solidão do sacerdócio.” (HERCULANO, 1999, p10)

O celibato pode representar a dominação religiosa, pois busca construir uma identidade de incorruptibilidade para o clero, de um corpo que estava mais próximo de Deus e que está a serviço do melhor para o fidei, ou seja, uma ideologia que visa o controle da opinião das pessoas sem resistência, pois se constitui como uma ordem de Deus legítima. Quem ousaria desobedecer a Deus?

Silva e Lima (2002 p.7) afirmam que os clérigos careciam de uma identidade clara e definida face aos leigos. Esta identidade clerical deveria, segundo Roma, o centro da Igreja Católica está necessariamente ligada à forma como o grupo relacionava-se com o corpo. Este deveria estar oculto por vestes apropriadas, não poderia se entregar aos prazeres sexuais e gastronômicos, visitar lugares suspeitos ou se dedicar a quaisquer tarefas seculares.

Em *Eurico, o presbítero*, o clero usou desta identidade para intervir nas relações políticas em prol de benefício próprio, visto que no fragmento abaixo está relatada a grande influência deste nos negócios públicos, e a corrupção que deixou as práticas cristãs em segundo plano. Há configuração do Culto exterior para obter status.

“Debalde muitos homens de gênio revestidos da autoridade suprema tentaram evitar a ruína que viam no futuro: debalde o clero espanhol, incomparavelmente o mais alumiado da Europa naquelas eras tenebrosas e cuja influência nos negócios públicos era maior que a de todas as outras classes juntas, procurou nas severas leis dos concílios, que eram ao mesmo tempo verdadeiros parlamentos políticos, reter a nação que se despenhava. A podridão tinha chegado ao âmago da árvore, e ela devia secar. O próprio clero se corrompeu por fim. O vício e a degeneração corriam soltamente, rota a última barreira. [...] Mas no fim do século sétimo eram já bem raros aqueles em quem as tradições da cultura romana não havia subjogado os instintos generosos da barbaria germânica e a quem o cristianismo fazia ainda escutar o seu verbo íntimo, esquecido no meio do luxo profano do clero e da pompa insensata do culto exterior.” (HERCULANO, 1999, p.14)

A dominação religiosa se constituiu na vida de Eurico de maneira que não deu liberdade de escolha. Para o personagem o celibato se constitui como uma ordem do próprio Deus, que infringi-la seria um grande sacrilégio até maior que o suicídio.

Por isso, o conflito do personagem foi tão intenso que o mesmo não conseguiu escolher entre o celibato e Hermengarda. Como no primeiro momento que se refugiou na religião para esquecer sua amada, agora o mesmo se refugia na morte, pois não ver possibilidade para resolver seu conflito. Deste modo a dominação religiosa é constituída através da sua necessidade de refúgio o que provocou uma existência contraditória e triste, pois não conseguiu consumir seu amor por Hermengarda e nem servir a Deus.

“Eurico abraçou a vida religiosa porque quis, abdicando de vez anterior designo, mais não fugiu, paradoxalmente, de ser cavaleiro e matar, ainda que por razões religiosas e patrióticas; e quanto os óbices eram apenas os duma consciência impregnada de princípios circunstanciais, fraquejou e deixou de realizar o que havia sido a razão de sua vida até aquela data. Para o suicídio em que se lança ato continuo a entrevista com Hermengarda, pouca diferença fazia consumir um velho desejo, indiscutivelmente mais

explicável, e Eurico, do que abater sarracenos e entrega se a morte, o que convenhamos era profundamente anticristã.” (MOISÉS.1988, P.139)

A Dominação religiosa determinou o triste fim de Erico, porque em sua concepção esta imposição do celibato era divina. Porém se o mesmo tivesse entendimento de que esta pratica era uma imposição social, com objetivo de construir uma identidade para o clero a história poderia ser diferente.

Eurico poderia ter desistido de ser presbítero, assim como desistiu de se soldado anteriormente e depois retornou a esta pratica, quando, os árabes invadiram a Península Ibérica. Poderia ter casado com Hermengarda que o amava, sendo que o pai da mesma que era o empecilho, já havido morrido.

Eurico morreu, pois foi traído por sua rigorosa consciência ética, construída a partir de seu valores religiosos, acreditava cegamente que seria punido por Deus e pela igreja Católica se seguisse seu impulsos humanos ou se optasse em continuar presbítero, viveria atormentado pelo amor que sentia por Hermengarda, por isso preferiu o suicídio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho propusemos uma reflexão sobre o instituto do celibato clerical como representado no Romance *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, 1844, cujo contexto é analisado como a representação da dominação religiosa, como formulado por Max Weber. A partir do estudo em questão, é possível afirmar a hipótese de que a dominação religiosa se constitui na vida do personagem Eurico, devido ao fato de que o mesmo acreditava no celibato como uma exigência ou demanda divina ou teológica.

Este fato, ocorre devido a instituição do celibato clerical ser baseada em questões sociais. Uma imposição do clero católico para construir uma identidade de santidade e pureza, que diferenciava os sacerdotes das demais classes sociais tidas como leigas, neste caso, homens e mulheres que se envolviam sexualmente. Afim de garantir através da obediência popular status e poder sobre a sociedade. Para impor suas opiniões sem resistência, visto que têm uma identidade de grande prestígio.

Desta forma, o celibato clerical representa a dominação religiosa, pois controla as decisões de Eurico, devido sua obediência cega e tradicional aos dogmas da igreja Católica que de acordo com conceito de dominação aqui abordado, não lhe permitem questionar ou ver outra alternativa a não ser a submissão. Evidenciamos isto em sua mentalidade ética e moral, baseada em parâmetros religiosos.

Parâmetros estes que lhe foram passados de forma tradicional e inquestionável, por isso não conseguiu resolver seus conflitos internos e mais uma vez fugiu, não mais para religião mais para morte com objetivo de liberta-se do sofrimento de sua vida de presbítero sem vocação. E assim, não conseguiu consumir seu amor por Hermengarda e nem continuar vivendo para honrar seu voto de castidade.

Se Eurico tivesse enfrentado seus desafios pessoais, assim como enfrentou os árabes para defender sua pátria não teria se precipitado em cometer suicídio, ou seja, se ao invés de ter uma consciência ética religiosa, tivesse uma consciência ética e crítica do mundo religioso. Eurico não teria obedecido sem questionar.

Assim, o romance mostra que a justificativa do celibato, não está pautada apenas em questões espirituais mais sim em manter uma obediência que possibilita a submissão social, o que resulta em benefícios materiais ao clero, que para ter este poder, impõe suas opiniões em nome de Deus instaurando, desta forma a dominação religiosa sobre o personagem Eurico que a tem como legítima e irrevogável.

Portanto, como ficou demonstrado, esta oscilação da literatura entre a ficção e a realidade é capaz nos levar refletir sobre o comportamento social, de aceitar determinadas imposições sem questionar a sua real natureza ou intenção, visto que a dominação não se dá apenas de forma violenta, mas pode ser sutil como ocorreu em *Eurico, o presbítero*, que, ao aceitar o celibato imposto pelo discurso de pureza da religião, ganhou alguma comodidade e perdeu a liberdade de escolha.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Carvalho. **Eurico, o presbítero: oposição entre os bárbaros godos e mouros.** Ângulo1 25/126, p.44-50 - São Paulo 2010. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/792/555>. Acesso em: 20 /9/16.

ALVES, Murilo. Revista Leitura. **Eurico, o presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a Literatura e a História.** Revista Leitura, n.49, p. 263-287. Maceió 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/954/628>>. Acesso em: 20 /9/16.

ALMEIDA, Fortunato de. **História da Igreja em Portugal**, vol. 1, 2 e 3. Porto: Portucalense, 1967.

BRAGA, Claudomilson Fernandes. **Celibato e gênero: uma releitura crítica.** Goiás, 2007.Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/990/1/CLAUDOMILSON%20FERNANDES%20BRAGA.pdf>>. Acesso em: 22/02/17.

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol et al. **A Personagem de Ficção** .2ª ed. São Paulo: Perspectiva,1964.

COSTA, Rafael Magno de Paula. **Presença de sacralidade na literatura.** Estação Literária Vol. 8, parte B, p. 48-57. Londrina 2011. Disponível em: < <http://www.uel.br/pos/letras/EL>>. Acesso em: 22/02/17.

DUARTE, Aline do Nascimento, CAMARGO Flávio Pereira **Entre a história e a ficção em Memorial do convento e Eurico, o Presbítero.** OPSIS - Revista do NIESC. vol. 4, p. 94-109.Goias 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/9272/6368>>. Acesso em: 20 /9/16.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema tolênico na australiania.**3ª ed.: São Paulo: Paulus,2008.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental:** autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1997.

GUINBSURG, Jacó. Fundamentos históricos do Romantismo. In GUINBSURG, Jacó (org.) **O Romantismo**. São Paulo: Brasiliense,1993

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o presbítero**. 11ª ed. São Paulo: Ática 1999.

MANSO, Priscilla Cláudia Pavan. **Memória, gênero e discurso na constituição dos sujeitos em Eurico, o Presbítero**. São Paulo: 2013. Disponível em:

<[Http://www.cruzeirosul.edu.br/wpcontent/uploads/2015/12/priscilla-claudia-pavan-manso-finalizada-pdf-18-12-13.pdf](http://www.cruzeirosul.edu.br/wpcontent/uploads/2015/12/priscilla-claudia-pavan-manso-finalizada-pdf-18-12-13.pdf)>. Acesso em:20/9/16.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa**- 37.ed., ver. e atual.-1ª reimpor. São Paulo: Cutrix, 2013

\_\_\_\_\_. **Presença da literatura portuguesa. Romantismo-Realismo** -7.ed.Rio de Janeiro :Bertrand Brasil,1998.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, LIMA, Marcelo Pereira. **A reforma papal, a continência e o celibato eclesiástico: considerações sobre as práticas legislativas do pontificado de Inocêncio III (1198-1216).**2002. História: Questões e Debates. Instituições e poder no medievo, Editora da UFPR (37) :Curitiba 2002, p.85-110. Disponível em: <[http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/RomanicoMais%20Informacao/Artigos/Sociedade/A Reforma Papal a Continência e Celibato Eclesiastico.pdf](http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/RomanicoMais%20Informacao/Artigos/Sociedade/A%20Reforma%20Papal%20a%20Continencia%20e%20Celibato%20Eclesiastico.pdf)>. Acesso em: 22/02/17

NETO, José Barbosa de Sena. **O calvário vergonhoso da Igreja de Roma**. Disponível em: <[http:// www.prbarbosaneto.ubbi.com.br](http://www.prbarbosaneto.ubbi.com.br)>. Acesso em: 22/02/17.

SILVA, Edlene Oliveira. **“Quem chegar por último é mulher do padre”**: as Cartas de Perdão de concubinas de padres na Baixa Idade Média portuguesa. Cadernos pagu, nº 37, p.357-386. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010483332011000200015#\\_ftn1](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010483332011000200015#_ftn1)>. Acesso em 10/03/17.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Ed.UNB,1999.